

Referência: *O Algoritmo do Amor em Porto Santo*

«Sim, tio, eu soube que também foram a Natal... Foi tão giro estar em Porto Santo e ver-vos a passarem de barco, primeiro para lá e depois para cá...».

«Para lá íamos para as Canárias... Ainda parámos primeiro na Madeira, mas nós nem saímos do barco. Parámos só para largar os passageiros e seguimos para as Canárias. Para cá vínhamos para Portimão...» pôs-se Albert no meu referencial em Porto Santo de frente para o mar como que se visse a si no barco a ir para as Canárias e a voltar depois para Portugal, «E vocês ali em Porto Santo a verem-nos a irem para lá e a voltarmos depois... E não precisámos senão dos binóculos para vos vermos na praia quando passámos pela vossa ilha... Foi um momento mágico que marcou a nossa viagem. Até de binóculos conseguimos capturar *O Algoritmo do Amor* a uns 6 km...» disse Albert.

«Estávamos a 6 km do Jaime e do Fred? Eles pareciam que estavam mesmo ali connosco...! Estavam mesmo perto de nós...» *estupefactiou-se* Fred.

«Eu perguntei ao Capitão e ele disse que naquele exato momento em que estávamos a contornar o Ilhéu de Cima, nós estávamos a 4 milhas da costa. Por isso estávamos a uns 6 km, quase a uns 6 km e meio...»

«O Ilhéu de Cima?» perguntou Fred.

«Sim, aquele ilhéu de Porto Santo que tem o farol. Na praia, de frente para o mar, é o ilhéu da esquerda.» respondi-lhe.

«Onde vocês nos viram a aparecer de barco. Nós aparecemos-vos no vosso postal de praia por detrás do Ilhéu de Cima.» disse Albert.

«Mas eu pensava que esse ilhéu se chamava Ilhéu do Farol, porque tem o farol... Nós chamávamos sempre Ilhéu do Farol...» disse Fred.

«Tem os dois nomes, amor... É como a nossa amada Montanha Jupiter... Também tem dois nomes: Montanha de Santarém e Montanha Jupiter.» respondi.

«E como é que se chama o ilhéu da direita?» perguntou Joa.

«Ilhéu da Cal.» respondi.

«Isso mesmo. E sabias que se fores à praia que fica em frente a esse ilhéu, que é à praia da Calheta, se fores até essa ponta, consegues ver a ilha da Madeira a 50 km, Jaime?» perguntou-me Joa.

«Eu e o Fred depois do dia de praia íamos muitas vezes a pé da nossa praia pela areia até à ponta da Calheta, só para ver a ilha da Madeira...»

«Íamos muitas vezes até à Calheta quando não subíamos outras muitas vezes a nossa montanha, por detrás da nossa praia...» disse Fred.

«O quê? Também monopolizaram uma montanha em Porto Santo?» perguntou Joa.

«Sim...» respondi.

«Deixem-me adivinhar, também acamparam na montanha em Porto Santo...» adivinhou Helena.

«Sim, acampámos, Helena... Também temos uma Montanha Jupiter em Porto Santo... Não tinha nome...» respondi.

«Então mais vale começar a pôr nome em tudo, antes que vocês, com o vosso amado *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, se ponham a monopolizar tudo aquilo que ainda não tem nome... Namorados capitalistas inteligentes dos recursos é que não! Senão a Terra começa a ficar esverdeada e empática demais, tudo verde, tudo verde, tudo muito verde, tudo inteligente, tudo inteligente, tudo muito inteligente, e honestamente, as coisas económicas começam a perder um bocado a piada... Já viram o que é que era...? Toda a gente a ligar às árvores e às plantinhas e às florzinhas como vocês ligam, a protegê-las, a falarem delas como se elas fossem seres vivos com raízes que suportam a terra e que suportam os humanos... Tudo a olhar para as estrelas... Os torcicolos que iam ser... Até já me dói o pescoço só de vos imaginar sempre a olhar para o céu... Sempre a olharem para as estrelas e para as nuvens... Tudo a reconhecer as constelações, tudo a discutir se é Jupiter, se é Saturno ou se é Neptuno...»

«Só conseguimos ver Neptuno com um telescópio, Maths...»

«Pronto...! Se Neptuno ainda não é visível a olho nu, vamos mantê-lo em segredo só para alguns olhos mais tecnológicos... Mas as nuvens são visíveis a olho nu... E depois vai ser tudo a falar das nuvens, tudo a olhar para as nuvens, tudo a descobrir o fenómeno maravilhoso das nuvens, a quererem proteger as nuvens... Porque agora até já as seguem... Sim, porque quando descobrirem as nuvens, vão querer protegê-las do aquecimento global e tal... *Epá*, para ser muito, muito, muito, sincero eu acho que nós ainda não estamos preparados para o vosso capitalismo inteligente dos recursos... *Epá*, não estamos... Vai ser o quê? Só turismo sustentável? Só engates sustentáveis? Preservativos biodegradáveis?»

«Ai, Maths... Você consegue sempre estragar tudo numa última palavra, não consegue? Parece que o faz para me irritar...» disse Catharina.

«E eu Maths, juro, juro, juro que estava quase a levar-te a sério, mas juro, juro, juro, mesmo por tudo...» disse.

Páginas 424-428 da 1ª Ordem da 1ª Impressão d'O *Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

(...)

«(...) Quando nós embarcámos em Portimão, eu ia a subir as escadas para entrar no ferry e ao meu lado vinha o Capitão... Ele foi tão simpático que aproveitei logo para lhe perguntar a que horas passávamos em Porto Santo... E enviei-vos logo a mensagem com as horas... Disse que tinha lá um dos meus filhos com o namorado e queria muito vê-los... Foi o Capitão que nos emprestou os binóculos para vos vermos... Tivemos que vos ver do deck

da piscina com aquela multidão toda empoleirada ao nosso lado... O nosso camarote não tinha varanda...»

«E vocês? De onde é que desencantaram os binóculos?» perguntou Albert.

«Pedimos à Polícia Marítima. Foi uma sorte. Uma coincidência terem aparecido ali mesmo no minuto certo.»

«Foi mesmo para nos verem. Foi uma coincidência tecnológica. Eu juro, juro, juro que não era amigo de nenhum dos polícias e juro, juro, juro que não lhes encaminhei a mensagem das horas que a Catharina sacou ao Capitão...» disse Albert.

«Nós acreditamos, pai» disse Fred.

Pág. 495 da 1ª Ordem da 1ª Impressão d'*O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

Corte e Costura de 29 de janeiro de 2022 15h46 Raul Catulo Morais ©Todos os direitos reservados ® Jupiter Editions